

Relações Sociais de Pesquisa:

Indagações sobre Metodologia
a partir de casos concretos



João Teixeira Lopes

[Organizador]

Ficha Técnica

Editor:

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Título: Relações Sociais de Pesquisa: Indagações sobre Metodologia a partir de casos concretos

Autor: [Vários]

Organização e Introdução: João Teixeira Lopes

ISBN: 978-989-9193-35-2

Design Capa e Paginação: Jorge Almeida

Data: novembro 2024

Local de edição: Porto

Suporte: Eletrónico

Formato: PDF / PDF/A

Ao José Madureira Pinto

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

A METODOLOGIA NÃO É UMA FILHA DE UM DEUS MENOR (Por João Teixeira Lopes)	1
---	---

CAPÍTULO I

DESAFÍOS ÉTICO-POLÍTICOS-AFECTIVOS DE CREAR CONOCIMIENTO EN LOS CONTRA ESPACIOS EPISTEMOLÓGICOS QUE HABITAMOS (Por Andrea Ruíz González)	8
Resumen	8
Desafiando los límites del conocimiento	8
El giro epistemológico desde epistemologías feministas	9
Hablando desde nuestras experiencias	10
Cuerpos desviados en el centro del conocimiento	11
Ser fiestera e investigadora	13
Principales desafíos ético-políticos-afectivos al emprender mi investigación	16
¿Es posible realizar una investigación ética?	16
La politización de la fiesta y de la academia	18
Relaciones comunitarias atravesadas por lazos de afectividad	19
Reflexiones finales	20
Referencias Bibliográficas	21

CAPÍTULO II

PUBLICAÇÕES NAS REDES SOCIAIS ONLINE: DESAFIOS ANALÍTICOS, METODOLÓGICOS E ÉTICOS PARA A INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA (Por Francisco Silva Fontes)	25
Resumo	25
Introdução	25
Os Influenciadores Digitais como novos protagonistas da era digital	26
A parca produção científica sociológica sobre os Influenciadores Digitais	28
Os benefícios e os inconvenientes da multidisciplinaridade	29
A complexidade dos dados digitais e o problema dos algoritmos das plataformas	32
Dilemas éticos dos dados das redes sociais: públicos versus privados	36
Considerações finais	41
Referências bibliográficas	42

CAPÍTULO III

PESQUISADOR-MILITANTE OU MILITANTE-PESQUISADOR? ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE PESQUISA, PSICOLOGIA E POLÍTICA (Por Tássia Bertoncini de Almeida)	51
Resumo	51
Afinal, onde termina a militante e começa a pesquisadora?	54
Psicologia para quê e para quem?	57
Que psicologia produzir, então?	61
Referências bibliográficas	65

CAPÍTULO IV

NÓS, TRABALHADORES PRECÁRIOS (Por Jorge Corsi)	67
Resumo	67
O mundo da restauração no Porto	70
A práxis dramática	72
Considerações finais	78
Notas	81
Referências Bibliográficas	82

CAPÍTULO V

PRÁTICAS E LETRAMENTOS ACADÊMICOS “DESENCAIXADOS” – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALÉM DAS CONVENÇÕES DOMINANTES (Por Gissele Alves)	84
Resumo	84
Apresentação: “O achado que me achou”	85
A proposta metodológica do “desencaixe”: uma exigência ética a articular as dimensões ontológicas, epistemológicas e metodológicas	87
Práticas e letramentos desencaixados: para além das convenções dominantes	93
Estratégia 1 - Carta de “algum lugar do futuro”	93
Estratégia 2 - Fazendo mais que gênero: Produção de uma resenha acadêmica sobre o debate regrado “Educação, Juventudes e Cotas Sociais”	94
Estratégia 3 - Seminário “Nós na universidade e a Universidade em nós”	95
Considerações finais	97
Notas	99
Referências bibliográficas	100

CAPÍTULO VI

IDADE UNIVERSITÁRIA EM DISCUSSÃO: O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS MADUROS	102
---	-----

(Por Rafael Sammarco Martins)

Introdução	103
Procedimentos metodológicos	106
Resultados aferidos	107
Considerações finais	114
Notas	118
Referências bibliográficas	119

BIO	121
------------	-----

A METODOLOGIA NÃO É UMA FILHA DE UM DEUS MENOR

Por João Teixeira Lopes

A experiência acumulada de orientador e de avaliador de inúmeras teses baseadas em projetos de pesquisa leva-me a algum pessimismo quanto à situação atual da reflexão epistemológica. O estado do campo científico no domínio da sociologia facilita um certo relaxamento nas práticas de questionamento metódico dos itinerários da investigação, tomada não como uma substância imaterial, mas antes como uma prática fortemente incrustada em formações sociais concretas, quadros institucionais determinados e relações que expressam desiguais níveis de agência e de poder. Capítulos metodológicos reduzidos a parcos parágrafos, por vezes em apresadas notas introdutórias ou digressões estandardizadas e abstratas sobre cardápios de métodos e técnicas, revelam o que desconhecem: a centralidade da objetivação das relações sociais que acontecem *na* e *pela* pesquisa, mas cuja configuração obedece a relações de força, a um mesmo tempo materiais e simbólicas, que em muito transcendem os contextos de terreno. Talvez se considere mais excitante a produção acelerada de resultados publicáveis a curto prazo; talvez se considerem os controles epistemológico-metodológicos como um adquirido e, por isso redundantes e subsumidos, talvez, enfim, se procure uma originalidade imaginada como leveza assistemática, à qual perturbam os avanços e recuos do pêndulo reflexivo.

Todas as relações que se estabelecem durante o trabalho de terreno são práticas sociais. Por isso, quem esquece o cariz situado e relacional das trocas entre sujeito-que-observa e sujeito-que-é-observado comete um grave erro. A metodologia, caminho crítico que organiza as escolhas da pesquisa empírica, não existe artificialmente, amputada de um todo em que se interliga teoria e observação. Medir comportamentos, categorizá-los e relacioná-los com

causas e /ou motivos, exige um particular cuidado para não simplificar a realidade em estudo, nem a submeter às falsas evidências do costumeiro e confortável “senso comum”. Todos os problemas de observação, aparentemente “práticos”, são, na verdade, e antes de mais, “problemas teórico-práticos”, na medida em que necessitamos de um claro entendimento conceptual sobre questões primordiais, a saber:

- Como pressupostos não-assumidos, implícitos, do investigador e das pessoas observadas (ideológicos, simbólicos, linguísticos, etc.) influem na percepção seletiva dos fenómenos em observação e nas trocas linguísticas em presença. Refiro-me, em concreto, à intensa imbricação nas ciências sociais de uma profusão de ideologias práticas (“noções-representações-imagens inscritas em comportamentos-condutas-atitudes-gestos” [Almeida & Pinto, 1990: 89]) com processos mais codificados de elaboração teórica;

- Como as pertenças estruturais (classe, género, etnia, idade...) situam e condicionam as operações do investigador no plano do terreno, sem esquecer o domínio da *intersubjetividade*, na medida em que o terreno relaciona sujeitos com papéis, repertórios e recursos distintos (o sujeito-que-investiga e o sujeito-que-é-investigado), circunstância que remete, por isso, para a distribuição diferencial do poder *in situ* (expressa no volume e capitais de cada um dos intervenientes que se mobilizam na situação de pesquisa, constringendo-a);

- Como os sujeitos se classificam através dos operadores que eles mesmos utilizam para classificar a situação/relação de pesquisa, o que exige um conhecimento acumulado sobre os processos sociais da comunicação e da linguagem, isto é, uma declinação dos ensinamentos de uma sociologia da linguagem e dos seus efeitos performativos (as representações simbólicas *criam* realidades);

- Em suma, como se sistematiza “uma estratégia de controle metodológico do processo de observação e medida em sociologia” atenta “aos circunstancialismos práticos da observação empírica” (Pinto, 1984b: 137) em estreita relação com o que escapa à ordem da interação observador/observado (escala micro), isto é, o atrito das estruturas sociais (escala macro) e as configurações dos quadros institucionais (escala meso) em que se desenvolve a pesquisa.

Na verdade, algumas versões compreensivas, desconstrucionistas ou mesmo “pós-modernas” da investigação científica desistem de mobilizar procedimentos de crítica e vigilância epistemológicas, recusando a preciosa construção de *teorias auxiliares de pesquisa*, na senda de Hubert Blalock (Pinto, 1984a; Blalock, 1970). Ora, nesse vazio, não raras vezes se substitui a metódica objetivação das situações de pesquisa observacional por um inefável espontaneísmo, porventura rico em intuição e empatia, mas extremamente vulnerável à multiplicação não controlada e pré-reflexiva de bondades de senso comum.

Em sentido contrário, quer as propostas de Pierre Bourdieu sobre a hétero e autovigilância epistemológicas e as formas de objetivação participante, quer as epistemologias do ponto de vista, em muito devedoras dos estudos feministas e dos grupos subalternos (Lépinard & Lieber, 2020), enfatizam a ligação entre práticas científicas, posições no espaço social e visões do mundo, insistindo no cariz socialmente situado da produção de conhecimento e na tensão existente entre os diferentes saberes (seja no sentido da rutura e da descontinuidade, seja no plano dos cruzamentos).

José Madureira Pinto, em artigo célebre, clama, precisamente, pela necessidade de um “racionalismo alargado”, de “segundo grau”, que leve a reflexão sociológica às próprias “rotinas” e operações metodológicas, de modo a evitar o insinuante “efeito de naturalização/neutralização das situações de pesquisa” (Pinto, 1985: 133).

Ora, é precisamente nesses detalhes virtualmente benévolos e impressionistas que se incute a irracionalidade da prática preguiçosa, pois que se abandona a validação metódica das rotinas de pesquisa, semeando crenças, projeções e percepções que podem dizer muito das idiossincrasias do investigador, mas que também revelam a sua crua impreparação. Reside aí o gérmen da ilusão da transparência do real para certos pesquisadores de terreno, por se considerarem impregnados de uma suposta competência “psíquica” que lhes permite, através de um transporte simbólico e simbiose experiencial, colocarem-se imaginariamente no lugar do observado. Todavia, tal transporte empático só é possível à custa de um poderoso esquecimento, pois oblitera-se a consciência do sistema de relações sociais desiguais em que os intervenientes no processo de pesquisa se inscrevem e que encontra tradução numa série de dissonâncias semióticas, de desencontros entre graus de “legitimidade linguística”, de silêncios, interditos ou vinculação seletiva a imagens gratificantes e interessadas da situação (retóricas de manutenção da “honra social”, reações de prestígio, técnicas de apresentação do “eu”, etc.). A situação de pesquisa é, tão frequentemente, uma parada em que uns e outros tentam definir e controlar a situação, produzindo as suas fachadas, cenários e performances através das armas comunicativas à mão de semear, isto é, dos recursos linguísticos (verbais e não verbais) que exprimem distância, proximidade, domínio, vergonha...

Sem a articulação entre os aspetos situados da construção de significados e as dimensões necessariamente estruturais, independentes da vontade dos agentes, como a classe, a etnia ou o género, perde-se a “verdade” do contexto (relacional e sistémico) da situação de pesquisa.

Ora, em contexto de seminário informal, tendo vindo a debater estas preocupações com um grupo de estudantes de doutoramento e

pós-doutoramento, de diversas nacionalidades. Desafiei-os, pois, para este pequeno livro, a pararem para pensar nas implicações sociais das suas pesquisas, enquanto “gatilhos” que desencadeiam situações específicas e que exigem pensamento epistemológico e autorreflexividade. Convite para um exercício sempre difícil: observar a prática científica, ela mesma feita de observação. “Entrar” e “sair”, aproximar-se e ganhar distância, fazer, enfim, como Bourdieu advoga a propósito da “objetivação participante”: “objetivação do ponto de vista a partir do qual ela se opera”, objetivar aquele que objetiva (Bourdieu, 2001: 398), tal como um fotógrafo algo bizarro que apenas consegue fazer o seu trabalho colocando-se simultaneamente fora e dentro do campo de visão, analisando, criticando e entendendo os limites, as possibilidades e os impactos sociais do seu labor.

Assim, Andrea Ruíz González, a propósito da sua investigação de doutoramento sobre o movimento Free Party, abraço o desafio de pensar sobre os dilemas ético-políticos-afetivos com que se defrontou na interseção de duas esferas de vida: a academia (ela é estudante de doutoramento) e as festas (ela participa ativamente em associações feministas que organizam e produzem os eventos festivos). Dito de outro modo, Andrea preocupa-se com a articulação entre processos de subjetivação pessoais e coletivos, por vezes conflituantes e exigindo distanciamento crítico apesar da comunhão afetiva, sob o limbo de uma incomodidade permanente (e autorreflexiva).

Francisco Fontes, por seu lado, debruça-se sobre as questões éticas levantadas pela sua pesquisa de doutoramento que tem como objeto os influenciadores digitais. Desde logo, impõe-se uma reflexão acurada sobre a definição da natureza pública ou privada dos dados. Dada a natureza dinâmica e mutável do ciberespaço, o autor defende princípios e processos éticos mais situacionais, flexíveis, adaptáveis e reflexivos.

Tássia Almeida aborda no seu texto, que em certa medida dialoga com Andrea González, as dificuldades em estabelecer trânsitos entre o papel de militante em coletivos e movimentos sociais e a atuação como pesquisadora e psicóloga. O caminho percorrido leva-a a perceber tanto a autonomia relativa das duas lógicas (científica e engajada), como os pontos de contato, numa perspectiva de responsabilidade ético-política transformadora.

Jorge Corsi exercita, através de um exercício autoetnográfico, as passagens das experiências individuais (ele que foi trabalhador precário da restauração) para os processos sociais mais vastos, no âmbito de uma pesquisa de doutoramento sobre “Neoliberalismo e desvalorização do trabalho. Vivências laborais de trabalhadores da restauração do Porto”, valorizando os plurais mecanismos de estruturação das memórias e apostando nas narrativas de vida como técnica que liga o a história individual aos ritmos coletivos.

Gissele Alves, investigadora de pós-doutoramento em Sociologia na Universidade do Porto, apresenta-nos, a propósito de um estudo já concluído sobre o acesso ao ensino superior no Brasil e as políticas de ação afirmativa, uma proposta metodológica do “desencaixe”, de cariz qualitativo, alicerçada num referencial teórico-metodológico interdisciplinar que cruza os Estudos Críticos do Discurso, os Estudos Críticos da Literacia e a Sociologia da Juventude, da Educação e da Cultura. A proposta problematiza práticas e convenções dominantes para explorar para além dos seus limites e, assim, possibilitar aos jovens estudantes o exercício da reflexividade, através do que designa de “experienciação do “desencaixe”, isto é, de práticas e letramentos “desencaixados”, de modo a favorecer a permanência e o êxito na universidade, potencializando percursos, projetos e agência juvenil.

Finalmente, Rafael Martins, na sua investigação de doutoramento sobre o acolhimento a estudantes universitários maduros (em Portugal

diríamos «com mais de 23 anos»), analisa as dificuldades encontradas no relacionamento com as autoridades académicas, por vezes ciosas do poder da informação que guardam. O autor percebeu que os cargos e a perspectiva de ascensão dentro da hierarquia universitária, isto é, as relações de poder, funcionam enquanto mecanismos de preservação de uma certa fachada institucional, deixando-a razoavelmente blindada a críticas, o que o levou a diversificar a rede de informantes privilegiados, de modo a cruzar e complementar a informação recolhida, indo além do discurso oficial desses dirigentes.

Contributos, em suma, para não esquecermos que a reflexão epistemológica concebe a metodologia e a pesquisa como práticas sociais situadas e relacionais, pertencendo ao âmago da sociologia e alargando os limites da racionalidade científica.

Referências bibliográficas

Almeida, João Ferreira de & Pinto, José Madureira (1990). *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa: Presença

Blalock, Hubert (1970). *An Introduction to Social Research*. Nova York: Prentice-Hall

Bourdieu, Pierre (2001). *Langage et Pouvoir Symbolique*. Paris : Fayard

Lépinard, Éléonore & Lieber, Marylène (2020). *Les Théories en Études de Genre*. Paris : La Découverte

Pinto, José Madureira (1984a). “Questões de metodologia sociológica (I)”. *Cadernos de Ciências Sociais*, nº1, pp. 5-42

- Idem (1984b). “Questões de metodologia sociológica (II)”. *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 2, pp. 113-140

- Idem (1985). “Questões de metodologia sociológica (III)”. *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 3, pp. 133- 156